

O PESAMENTO HISPÂNICO E A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE CULTURAL

[THE HISPANIC THOUGHT AND THE QUESTIONS CONCERNING CULTURAL IDENTITY]

Carlos A. Gomes *

RESUMO: O pensamento filosófico hispânico na segunda metade do séc. XX, potenciou um processo de emancipação cultural e reflexões de teor filosófico mais profundas, que visaram buscar o sentido e o alcance de uma autêntica filosofia, no continente sul-americano. Podemos dizer que após a tomada de consciência da circunstância americana o que está em causa, é a procura e busca de uma identidade da razão latino-americana, a qual na análise que efectuo, só terá fundamento se integrada numa dinâmica de integração cultural. Esta deverá sempre partir das circunstâncias próprias, e desenvolvida a partir do respeito por um 'ethos' vivencial comum.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Filosofia; Identidade; Interculturalismo, Razão

ABSTRACT: The philosophical hispanic thought in the second half of 20th. ha mde possible one process for cultural emancipation and deep philosophical reflections, in order to get the sense and reaching an authentic philosophy in South America. We can even say that after the control of a concienious process of the American character, what is in progress is seeking an identity of the Latinoamerican being, wich under my analysis, only it will get reason if be integrated in an cultural integration process. It must ever to generate its own circumstances from an commum "ethos".

KEYWORDS : Culture; philosphy; identity; interculturalism; Reason

I

O PROBLEMA

Um dos aspectos mais relevantes e substanciais quando se aborda a temática do pensamento hispânico, é, sem dúvida, o da problemática da identidade e integração. O hispano-americano Eduardo Nicol (1907-1990), foi um dos primeiros a utilizar a designação de '*hispânico*', para caracterizar um conjunto de traços comuns que, segundo ele, poderiam fundir culturalmente um leque de realidades nacionais ibero-americanas, apesar de relativamente distintas.

Esta questão foi tratada na sua mais importante obra '*El problema de la filosofia hispánica*', escrita em 1961.

* *Doutorado em Filosofia, especialidade em Filosofia da Cultura (FCSH, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigador integrado no grupo Cultura, História e Pensamento Ibérico e Ibero americanos do Centro de História de AlémMar (CHAM) – Portuguese Centre for Global History, FCSH/NOVA, Universidade Nova de Lisboa (desde 2013). m@ilto: cabegom@yahoo.com.br*

Na verdade, este pensador visa encontrar, para além de todos os traços particulares distintivos, o verdadeiro carácter, o *sentido autêntico e peculiar do filosofar hispânico*, situado na confluência histórico-geográfica da Europa (ibérica) e América (latina). Eduardo Nicol considera que a questão central seria encontrar o *'ethos' hispano-americano*, o qual teria como dois dos seus pressupostos fundamentais, a *identidade da língua* e a *afinidade da cultura*.

Todavia, é no espírito (na ideia) que ele vai buscar o alento que incrementaria a identidade própria dos povos ibéricos e americanos. O espírito tem como força motriz, a formação, tradição e educação cristãs e católica nesse universo, arreigado ao ideal da vontade e do valor. Pode, por isso, dizer-se que a síntese da tradição (história) do povo espanhol associado à idiosincrasia dos povos indígenas (cultura), permitiu aproximar raças e culturas num ideário cultural comum, de uma vontade supra-nacional e transcontinental.

Para Nicol, este elemento histórico-cultural e psicológico, seria decisivo na compreensão e vontade de independência e revolução de muitos estados americanos, ao longo do séc. XX. A matriz 'ideológica' comum, é absolutamente decisiva na expansão dessa identidade, a qual vai muito para além da mera vertente política.

Deste modo, essa matriz constitui-se de uma tripla natureza: é eminentemente *cultural, religiosa e filosófica*, e assenta na manutenção dos traços identitários do *Cristianismo* (ideologia), da *igualdade entre os homens e as raças* (cultura), e do apego aos *valores do espírito* (idealismo).

II

A IDEIA

A ideia de integração consitui, por esta razão, o *leitmotiv* do pensamento filosófico latino-americano e foi desenvolvida por um conjunto significativo dos hispanistas. Estes eram personalidades de relevo, geralmente figuras intelectuais espanholas, as quais no início do séc. XX defendiam a tese segundo a qual a Espanha deveria ter uma atitude dirigista, orientadora dos ideias ibéricos e orgânicos de uma sociedade espiritual, quase á maneira de uma mãe-protectora. Esta direcção seria substancialmente contrária e distinta ao *laissez-faire* liberal, clássico. O que defendiam os hispanistas era, na realidade, uma visão de sociedade eminentemente selectiva e meritocrática, em oposição aos ideais igualitários e massificadores do materialismo capitalista.

Há assim como que uma *cisão* irreductível entre dois 'mundos': um mundo culturalmente 'puro' e espiritual (ibero-americano), e um mundo culturalmente desumanizante e materialista (anglo-saxónico).

Embora acreditando nas virtualidades da tradição racionalista da ilustração, pois a educação para a cidadania seria uma forma de combate a quaisquer absolutismos e autoritarismos dogmáticos, os hispanistas eram defensores convictos do krausismo. Fundado na Alemanha na segunda metade do século XIX por *Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832)*, este movimento intelectual desenvolveu-se em Espanha e constituiu-se como um sistema filosófico e ético de cariz racionalista e harmónico, balizado entre o real e o ideal, e pugnando pela racionalização livre e progressiva das instituições humanas.

Embora não tendo sido uma escola no sentido pleno da palavra, os krausistas cultivaram um estilo de vida aberto e popular e dinamizaram o estudo da cultura e da

ciência.

III

OS MENTORES

121

José Vasconcelos e o uruguaio José Enrique Rodó foram duas importantes figuras deste movimento, e tentaram estreitar os laços entre a Espanha e a América espanhola, visando encontrar o ponto ideal do cultivo dos valores espirituais e reacionistas de todos os povos ibero-americanos.

Na verdade, deve recordar-se o esforço do mexicano José Vasconcelos (1882-1959) no aclarar da sua intuição 'rácica' e cultural. Vasconcelos foi o principal expoente do núcleo hispânico dos pensadores mexicanos, tendo sido o responsável pela introdução das reflexões europeias no contexto mexicano. Como político, foi o responsável pela criação de uma Secretaria de Educação Popular, a qual teve um importante destaque na dinamização dos estudos literários e filosóficos no seu país. Foi defensor e activista de uma educação livre e democrática, bem como de um sentimento nacionalista anti-americano.

A sua filosofia revelou influências importantes de filósofos espiritualistas franceses como Henri Bergson e Maine de Biran, expressando uma crítica ao positivismo pela valorização dos *valores do espírito* humano. Através da suas obras, em particular, '*La raza cósmica*', '*Indologia*', '*Bolivarianismo y monroismo*', contribuiu notoriamente para o desenvolvimento e especificidade do pensamento latino-americano.

Em '*La raza cósmica*' Vasconcelos apresenta a tese do final das raças particulares e a vigência de uma *mestiçagem universal* (multicultural), como resultado da *unificação da humanidade*. Nesta obra, José Vasconcelos sustenta a ideia de que, através da mestiçagem entre as três das principais raças humanas — a branca (dos colonizadores), a negra (dos escravos importados da África) e a amarela ou vermelha (dos nativos) —, as duas nações da Península Ibérica (Portugal e Espanha) tinham criado na América do Sul e Central, a primeira *raça de síntese universal*, uma raça verdadeiramente com poder e valor, para transformar o mundo!

A seu ver, isto constituiria uma resposta aos danos, perigos e ameaças do racismo. Vasconcelos desenvolve, pois, uma reflexão profunda da realidade ibero-americana voltada para a sua circunstância, ou seja, para a Europa e a história universal. Identifica-a como passível de tornar efectiva essa 'raça cósmica' numa lógica de *multiculturalismo e miscigenação*.

Em '*Indologia*', faz uma espécie de retrospectiva dos estádios ou fases da humanidade, desde os seus alvares, reflectindo, assim, o seu ideal e desejo de unidade ibero-americana, a partir da defesa da cultura espanhola em oposição à política norte-americana de integração pan-americana. Valorizando assim uma ideia ético-cívica de '*energia espiritual*', Vasconcelos elevou ao limite o ideal estético-emocional do '*ethos*' ibero-americano. A alma assim apreendida de um modo vivencial, era a única e autêntica realidade que poderia conduzir a uma lógica de vida absolutamente diferente e superior, da do conhecimento conceptual.

José Enrique Rodó (1882-1917), foi um escritor e filósofo uruguaio, que se constituiu igualmente como um defensor e dinamizador da *herança cultural hispânica* de todos os povos ibero-americanos. Esta herança era o oposto do *utilitarismo*, *pragmatismo* e *expansionismo norte-americanos*, cada vez mais imponente e agressivo, culturalmente.

Na sua obra alegórica, *Ariel* (1900), enuncia as ideias-base deste movimento que tenta fazer face ao *materialismo anglo-saxão*, a partir de uma suposta identidade e evocação “cultural” da América Latina.

O conceito de cultura (conhecida como *arielismo*) é o elemento chave em Rodó, e é compreendido de uma forma bastante particular. Trata-se de uma concepção de certo modo *aristocrática* de cultura ligada ao belo, à experiência estética e à actividade intelectual desinteressada. A crítica ao capitalismo ‘americano’ é, deste modo, a crítica à massificação, vulgaridade e banalidade utilitaristas, modernas.

O ideal de Rodó, seria um ‘*regresso às origens*’ – a Grécia Antiga – onde o Homem fosse encarado, não como um mero *objecto desqualificado e coisificado*, mas sim como um ser *integral e total*, no qual as suas faculdades fossem *uma só*. O que Rodó apelida “racional” (em *Ariel*), seria a possibilidade de recomposição dos trabalhos manual e intelectual, separados pela sobre-especialização moderna.

Essa seria a verdadeira cultura, que permitiria ao indivíduo uma existência genuinamente “desinteressada” e pura. Por isso, segundo José Enrique Rodó, a importação dos padrões norte-americanos representaria uma ameaça aos povos e à “*originalidade insubstituível do seu espírito*”.

IV

A SÍNTESE

Podemos, em conclusão, traçar linhas gerais que nortearam a concepção de um pensamento ibero-americano, e que fundamentaram a razão e a identidade latino-americana, a saber:

- a) um filosofar específico, nascido da sua própria circunstância;
- b) um filosofar eminentemente prático e vivencial, nascido de uma matriz estético-emocional;
- c) um filosofar tendencialmente ético e humanista, nascido de um passado de dominação.

Globalmente, teremos que reconhecer que os vectores acima assinalados não se devem entender como soltos e independentes de um enquadramento mais vasto – a *dependência histórica e cultural* – que foi como a categoria ‘universal’ condicionadora da realidade sul-americana.

Se bem que muitas vezes vista como inautêntica e sem originalidade (como foi o caso de Salazar Bondy), temos que considerar que o influxo da realidade do sub-desenvolvimento, dependência e dominação de que foi alvo historicamente o continente (sul)-americano, condicionou extraordinariamente as possibilidades de instauração de uma filosofia completamente nova. Esta dependência teve várias cambiantes, da ibérica (passada) à europeia (presente) e à norte-americana (presente e futura), e esta luta reflecte-se numa tentativa de sistematização que dá pelo nome de filosofia da libertação, ou pós-colonização.

Deste modo, a categoria da ‘libertação’ e a sua conseqüente praxis anti-capitalista, afirmaram-se, a partir de meados do século passado como as grandes forças motrizes do pensamento ibero-americano contemporâneo.

V

OS DESAFIOS DO IBERO-AMERICANISMO

Pode-se considerar que a filosofia intercultural constitui uma etapa *evolutiva* da filosofia da libertação latino-americana, dinamizada pelo argentino Enrique Dussel.

Iniciada a partir das reflexões de *Raul F. Betancourt* e desenvolvida igualmente por outras figuras do pensamento sul-americano e europeu, como Horácio Cerutti (Argentina), Franz Hinkelammert (Costa Rica), Léon Olivé (México), Franz Martin Wimmer (Áustria) e Heiz Kimmerle (Alemanha), esta nova forma de reflexão filosófica perspectiva o conhecimento numa base mais ampla e abrangente (contextual), integrando e não excluindo, os vários 'pensamentos' e diferentes culturas. Nascido em Cuba em 1946, *Raúl Fornet-Betancourt* é uma das figuras mais marcantes do pensamento ibero-americano contemporâneo.

Doutorado em Filosofia pelas Universidades de Aachen (Alemanha) e Salamanca (Espanha), Betancourt vive na Alemanha e é actualmente docente na Universidade de Bremen. Director de várias revistas internacionais, é professor convidado em muitas universidades sul-americanas, e exerce um labor activo no domínio da filosofia inter-cultural. Influenciado filosoficamente por autores como Sartre, Marx e José Martí, Fornet-Betancourt desenvolve um projecto de uma "*inculturación*" da filosofia latino-americana a partir das reflexões feitas a partir dos anos 70 pela Teologia da Libertação e sistematizadas, filosoficamente, por aquilo que viria a ser conhecido pela *FL (Filosofia da Libertação)*.

Róldolfo Kusch e Juan Carlos Scannone foram os obreiros deste projecto, através dos quais se viriam a conhecer os grandes representantes do pensamento ibero-americano, sobretudo *Arturo Andrés Roig, Leopoldo Zea e Enrique Dussel*. Todavia, foi necessário entender que esta filosofia não podia ser apenas a imagem de uma cultura urbana branco-mestiça sul-americana, pelo que se tornou imperioso cruzá-la com outras tradições – as indígenas e afro-americanas.

Daí a necessidade de superar o paradigma cultural de uma filosofia unitária, 'inculturada' e 'eurocentricamente latino-americana', para uma filosofia autenticamente *inter-cultural*. Este fundamento epistemológico deverá ultrapassar o dogmatismo de uma razão 'universal', de pendor ocidental, dialogando abertamente com outras 'razões' locais (regionais) igualmente possíveis. Betancourt é, pois, apologista de um conceito de uma *razão filosófica polifónica*, desmonopolizada, que integre todos os simbolismos e práticas culturais próprias e fundantes. O pensador cubano chega mesmo a considerar como legítimas, as filosofias maia, andina, mapuche, etc. A hermenêutica proposta por Betancourt deve levar em conta que a *visão crítica e multicultural*, está submetida a processos de homogeneização e dominação, sendo que o ideal de liberdade deve ter como motor a acção cultural, e não simplesmente um trabalho académico e um exercício profissional. Esta sua visão *plural* das culturas e do pensamento, tem como sujeito activo o homem consciente do seu papel comunitário, e dinamizador da sua língua, tradição e costumes e desemboca numa perspectiva *ética e identitária* que leve o mais desfavorecido a ganhar, pela *via dialógica*, a sua autonomia e consciência.

Em função deste novo paradigma, a filosofia inter-cultural manifesta uma dimensão crítica muito acentuada, pois tenta dar resposta prática e ser uma alternativa aos problemas existenciais, integrando questões ligadas à *ontologia* (estrutura da realidade), *epistemologia* (cognoscibilidade da realidade), *ética* (normas e valores) e *política* (organização da sociedade).

Contrariamente ao que predomina na tradição filosófica ocidental, de pendor centralista, racional e etnocêntrica, a filosofia intercultural *incorpora* todas as

particularidades (circunstâncias) e tradições regionais (contextos), focalizando-se numa *dimensão plural* e não homogênea do conhecimento e da cultura humanas.

Poderíamos sintetizar nesta dimensão, três características essenciais:

a) necessidade de superação da tradição e do privilégio concedido á visão europeísta da história da filosofia ocidental, enquanto 'pensamento ou paradigma únicos';

b) necessidade de descoberta e reavaliação de outras e múltiplas origens, com abertura a outras tradições (mito, religião, cosmogonia...);

c) necessidade de estabelecer uma base *dialógica* entre as diferentes tradições, a partir dos princípios universalistas do *respeito, tolerância e conhecimento mútuo*.

O objectivo último da filosofia intercultural, baseada também no princípio da inter-disciplinaridade é, na verdade, dar novas respostas e constituir-se como uma *alternativa* aos processos e desafios actuais da globalização económica e homogeneização cultural.

Urge não nos deixarmos apagar na objectivação e desumanização, fazendo, pelo contrário, com que o homem seja uma parte activa e integrante do todo (cosmos), e não uma parte decartável neste processo de dominação e reducionismo existencial. Urge, pois, recuperar o '*ethos*' *ibero-latino, comunitarista e solidário!*

Em suma, não se trata de excluir 'o outro', mas de '*interpretá-lo*', concebendo a vida e a cultura como um *enriquecimento* dinâmico e dialéctico, de transformação e libertação do homem, visando a sua autonomia e consciencialização racionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETANCOURT, Raúl Fonet – *Interculturalidad, Género y Educación*, IKO Verlag fur Interkulturelle kommunikation, Edition OKOglobal, Frankfurt am Main, 2004.
- BONDY, Salazar - *Historia de las ideas en el Perú contemporáneo*. Lima: Moncloa, 1965.
- BONDY, Salazar - *La cultura de la dominación*, en Perú Problema, Lima: Moncloa, 1968
- GALVÁN, Enrique Tierno – '*Erotismo y trivialización*' in *Desde el espectáculo a la trivialización*, Editorial Tecnos, S.A. Colección Ventana Abierta, Madrid, 5ª edición, 1987.
- GASSET, Ortega y – *La Rebelión de las Masas*, Espasa-Calpe, Selecciones Austral, Madrid, 5ª edición, 1984.
- GASSET, Ortega y – *El Tema de nuestro tiempo*, Espasa Libros S.L.U., Col. Austral, Madrid, 1ª edición, 2010.
- NICOL, Eduardo - *Historicismo y existencialismo. La temporalidad del ser y la razón*, Madrid: Tecnos, 1950; segunda edición, corregida, México: Fondo de Cultura Económica, 1960.
- NICOL, Eduardo - *Metafísica de la expresión*, Fondo de Cultura Económica, 1957; nueva versión, México: Fondo de Cultura Económica, 1974.
- NICOL, Eduardo - *El problema de la filosofía hispánica*, Madrid: Tecnos 1961; segunda edición, México: Fondo de Cultura Económica, 1998.